REPERCUSSÃO DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO EM BEBÊS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Rodrigo Abrantes Jacinto¹; Maria Clara Duarte e Paula¹; Brenda Valadares da Mota¹; Gabriela Milhomem Ferreira²; Luiz Felipe Castro Vaz Poloniato²; Pedro Augusto de Moraes Lopes²; Marcos André Macêdo do Vale Silva³; Amanda Silva Sardinha⁴

¹Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO.

²Univeridade de Rio Verde, Aparecida de Goiânia, GO.

³Centro Universitário Instituto Máster de Ensino Presidente Antônio Carlos, Araguari, MG.

⁴Residência em Psiquiatria na Rede da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo, São Paulo, SP.

Palavras-chave: depressão pós-parto; relações mãe-filho; desenvolvimento infantil.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a depressão pós-parto (DPP) atinge de 10 a 20% das puérperas, caracterizando-se um problema de saúde pública. É caracterizada por algum episódio depressivo que ocorra nos meses seguintes ao nascimento do concepto. Sabe-se que a qualidade da interação mãe-bebê é essencial para o desenvolvimento linguístico, socioemocional, cognitivo e motor do bebê. Essa interação pode ser afetada pela DPP, impactando na saúde infantil. Portanto, o objetivo desse estudo é identificar, na literatura, a repercussão da DPP em bebês.

METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão integrativa nas bases de dados *Scielo, Medline e Lilacs*. Estão inclusos neste estudo somente artigos publicados na íntegra, pertencentes a revistas de alto impacto científico, em português, que abordam assuntos específicos de acordo com os descritores: depressão pós-parto; relações mãe-filho; desenvolvimento infantil.

DESENVOLVIMENTO

Dos fatores etiológicos da DPP, incluem-se depressão pré-natal, ansiedade, história psiquiátrica pregressa, relacionamento conjugal conflituoso, eventos estressantes e falta de apoio social. Mães com maiores escores de depressão apresentaram mais riscos ao desenvolvimento dos seus filhos.

Apenas 50% dos casos de DPP são diagnosticados, e destes o índice de mães que são acompanhadas fica abaixo de 25%. Algumas mulheres não reportam sintomas por medo do estigma associado à doença, dificultando o diagnóstico e o tratamento.

Pesquisas evidenciadas em 15 artigos revelam que a DPP apresenta riscos à saúde infantil. Mães com DPP podem interagir e estimular menos seus bebês, que apresentaram apego inseguro; menos exploração do ambiente; sono irregular; baixa autoestima; vocalizações negativas; ansiedade e maior risco de depressão na idade adulta. Um estudo evidenciou em uma amostra de 52 mães de bebês de 6 meses, portadoras de DPP, que 57,6% deles não realizavam aleitamento materno. Outro estudo demostra que mães com tendências depressivas tiveram predisposição ao desmame.

CONCLUSÃO

A DPP está relacionada a uma interação mãe-bebê ruim, incluindo o desmame precoce. Isso gera diversos prejuízos para o bebê, que podem perdurar na vida adulta. Sua prevalência é alta e merece atenção dos profissionais de saúde, que devem investigar rotineiramente o comportamento dos bebês e dar atenção à saúde mental materna, além de desmistificar estigmas relacionados a DPP, a fim de realizar diagnóstico precoce e oferecer suporte integral à dupla mãe-bebê.